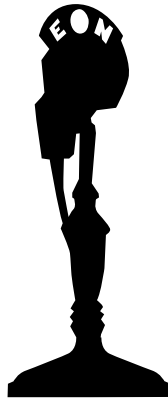


Alberto Pena

O QUE PARECE É



Salazar, Franco
e a propaganda contra
a Espanha democrática

Tradução de
Jorge Fallorca

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMIX

© 2009, Alberto Pena
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Que Parece É.
Salazar, Franco e a Propaganda
contra a Espanha Democrática.*

Autor: Alberto Pena

Tradução: Jorge Fallorca

Revisão: Tinta-da-china

Composição e capa: Vera Tavares
(Capa baseada na fotografia da página 63,
gentilmente cedida por Luís Reis Torgal)

1.ª edição: Junho de 2009

ISBN 978-989-671-001-9

Depósito Legal n.º 295682/09

*Para a Estela e a Lina,
que me tornam melhor a cada dia*

Agradecimentos

UM LIVRO É SEMPRE produto de um esforço colectivo, ainda que tenha apenas um autor intelectual. *O Que Parece É* resulta do espírito de colaboração de todas as pessoas que ajudaram a que ele visse finalmente a luz, a luz que se reflecte no papel destas páginas, que transforma o claro-escuro das ideias e as informações em letras e palavras, que foram organizadas num suporte de conhecimento que poderá estar em vias de extinção. O livro, tal como hoje o conhecemos, é muito mais do que um texto impresso; é, sem dúvida, um fetiche cultural cuja dimensão atravessa todas as fronteiras da aprendizagem intelectual.

Entre os aspectos positivos do mundo digital e da realidade virtual encontra-se a sua capacidade para nos tornarem mais conscientes do imenso valor simbólico dos livros, impressos em papel que foi outrora árvore e antes ainda semente. Porque, justamente, o livro, como a árvore, pode projectar sombras e luzes, dar abrigo a outras formas de vida, cumprir a função de preservação da sua espécie, fertilizar a terra em cujo húmus surgem novos rebentos. E é daí que nasce a palavra humildade.

Como a minha intenção não é fazer uma reflexão metafísica, mas sim agradecer às pessoas que forneceram o húmus para que este livro nascesse e se transformasse no fluxo de informação que o leitor tem agora entre mãos, desejo fazer uma menção muito especial a Mário Mesquita, mestre do jornalismo e actor protagonista da história do jornalismo português, que sempre me deu a sua confiança para abrir novos caminhos de aprendizagem em Portugal.

Quero igualmente expressar a minha gratidão para com todas as pessoas que, nos diversos arquivos, me auxiliaram no processo de

investigação, bem como à Inês Hugon e à Bárbara Bulhosa, tanto pela amabilidade e cordialidade como pela eficiência no trabalho de edição deste livro, cujo mérito também é seu.

E, por fim, agradeço àquele que foi o meu mentor no mundo académico português, o meu professor e amigo Luís Reis Torgal, que deixou marcas na minha forma de pensar e nos aspectos mais positivos desta investigação. Assim também ao meu *maestro*, o professor Alejandro Pizarroso Quintero, que me ofereceu o traje de luzes académico e me ensinou a sua arte na arena universitária.

ÍNDICE

13	Siglas de arquivos e colecções documentais
15	Nota Prévia
21	INTRODUÇÃO: <i>A fraternidade peninsular entre o Levantamento franquista e o Estado Novo salazarista</i>
	CAPÍTULO 1: <i>O autoritarismo luso e as campanhas contra a Segunda República Espanhola</i>
31	1.1 As relações ibéricas no limiar da Guerra Civil Espanhola
39	1.2 Propaganda e censura em Portugal ao serviço da «nova» Espanha
45	1.3 O conflito diplomático e mediático com a Espanha democrática
	CAPÍTULO 2: <i>A estratégica colaboração radiofónica do fascismo ibérico</i>
65	2.1 Portugal, a Espanha republicana e a guerra através das ondas
73	2.2 A intervenção crucial do Rádio Club Português (RCP)
118	2.3 A Emissora Nacional (EN) e outras emissoras salazaristas
136	2.4 O ardente lusitanismo de Queipo de Llano e a Radio Nacional de España
145	2.5 A ditadura lusa e as emissões das rádios inimigas
	CAPÍTULO 3: <i>A propaganda cinematográfica franco-salazarista</i>
153	3.1 A produção cinematográfica portuguesa face ao conflito espanhol

159	3.2 Os documentários do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN)
170	3.3 A Caminho de Madrid, a longa-metragem lusa sobre a guerra
174	3.4 A intensa cooperação entre a Cifesa e a Lisboa Film
186	3.5 O ícone do cinema português na Espanha de Franco: <i>A Revolução de Maio</i> (1937)
199	<i>Conclusões</i>
205	Notas
249	Breve cronologia comparada
257	Fontes primárias
259	Bibliografia
279	Índice Onomástico

Nota Prévia

«O QUE PARECE É»: A VERDADE DE SALAZAR

O TÍTULO DESTES LIVRO, *O Que Parece É*, não foi inventado por mim, nem tão-pouco foi retirado de um anúncio publicitário. Trata-se de uma frase de Salazar, um dos muitos aforismos que ele tanto gostava de integrar no seu discurso e que serviam de *slogans* com enorme eficácia propagandística, funcionando como mandamentos explícitos para orientar as directrizes ideológicas do seu novo modelo político. Sobre o pensamento de Salazar e as características da sua filosofia política foram já publicados trabalhos muito interessantes, a partir dos quais ficamos a conhecer o *modus operandi* político do líder do Estado Novo. O objectivo científico deste livro consiste em compreender o discurso salazarista no que diz respeito aos meios de comunicação, os quais ele considerava como um veículo de transmissão da ideologia, essencial para doutrinar a sociedade. Neste sentido, são bem reveladoras as suas reflexões públicas sobre o papel que o Estado deveria desempenhar para impedir qualquer manipulação mediática dos cidadãos que pudesse corromper a integridade nacional, com especial obsessão pelas ideias comunistas e pelo «reviralhismo» em geral. «A definição de governo é uma função permanente de verdade e de justiça», afirmava em Dezembro de 1932, numa entrevista realizada por António Ferro, futuro director do Secretariado de Propaganda Nacional (criado em 1933), na qual defendeu também que «não pode haver liberdade contra a verdade, não pode haver liberdade contra o interesse comum».

Foi esta a principal razão por que a censura se tornou num instrumento importante para proteger a *verdade* das *mentiras* de todos aqueles que atentavam contra o Estado Novo, contra o Portugal de

Salazar, conforme o próprio esclareceu: «A censura, hoje, por muito paradoxal que a afirmação pareça, constitui a legítima defesa dos Estados livres, independentes, contra a grande desorientação do pensamento moderno, a revolução internacional da desordem. Eu não temo o grande jornalista desde que seja português e o demonstre. O que temo são os pequenos jornalistas que se desnacionalizam sem dar por isso, talvez por não estarem suficientemente armados para se defenderem de sedutoras e fáceis teorias.» Assim, Salazar foi extremamente metódico ao impor as suas orientações nacionalistas (leia-se salazaristas). A opinião pública tinha de ser profundamente doutrinada e *protegida* das ideologias mais sedutoras que pudessem fazer descarrilar o seu projecto político autoritário para Portugal. «Impossível evitar-se hoje a formação duma opinião pública, tão numerosos são os meios de comunicação: o livro, o jornal, a rapidez e sigilo da correspondência particular, a telefonia, o cinema. Simplesmente, esta opinião pública pode ser abandonada a si própria ou ser convenientemente dirigida... Se o Governo dirigir a opinião pública, fornecendo-lhe sempre elementos verdadeiros, honestos, desinteressados, é evidente que a servirá melhor do que certa imprensa ligada ocultamente a interesses materiais por vezes inconfessáveis», teorizava Salazar na entrevista citada.

Salazar acreditava que este controlo férreo da opinião pública portuguesa era a chave para fazer prevalecer os seus princípios políticos. Isso mesmo manifestou num dos seus discursos: «A verdade é que politicamente tudo o que parece é, quer dizer, as mentiras, as ficções, os receios, mesmo injustificados, criam estados de espírito que são realidades políticas: sobre elas, com elas e contra elas se tem de governar.»

Esta visão totalitária da sociedade portuguesa fez com que temesse o contágio ideológico através da Espanha democrática que nascera com a fundação da Segunda República, a 14 de Abril de 1931, um regime que poderia prejudicar o Estado Novo. A rebelião franquista de Julho de 1936 *pareceu-lhe* ser o melhor para Espanha e para Portugal. Por isso, era necessário prestar o maior auxílio propagandístico possível a Franco, de modo a difundir a *verdade*, a sua verdade.

EXPLICAÇÃO METODOLÓGICA

Esta investigação tenta penetrar numa das facetas menos estudadas da Guerra Civil de Espanha: a colaboração estratégica entre o movimento fascista espanhol e a ditadura portuguesa de Oliveira Salazar, durante um período crucial da história contemporânea europeia, quando ambos os Estados peninsulares se viram mergulhados numa guerra informativa para fazer valer os seus critérios políticos internamente e conquistar adeptos no exterior. Dentro deste contexto, e tendo como balizas temporais a data do início e do fim da Guerra Civil Espanhola (18 de Julho de 1936 — 1 de Abril de 1939), o objetivo desta investigação consiste em compreender o papel desempenhado pela rádio e a cinematografia portuguesa no desenrolar do conflito, a partir da estreita relação política que Francisco Franco e Oliveira Salazar mantiveram durante toda a guerra, partilhando uma incondicional aversão pelo regime democrático da Segunda República e pelas suas instituições.

Pretende-se averiguar quais foram as finalidades da propaganda da ditadura portuguesa e até que ponto a sua intervenção ideológica se reflectiu na opinião pública; quais foram as matrizes e as palavras de ordem defendidas pelos meios de comunicação lusos; quais as principais técnicas e os meios utilizados pelo Estado Novo português para levar a cabo as suas campanhas de comunicação política contra o governo de Espanha; quem foram os protagonistas políticos dessa propaganda e qual era o sentido do seu discurso ideológico; quais os principais meios de comunicação que serviram para difundir as ideias predominantes do fascismo ibérico; quais os mitos e símbolos propagandísticos mais recorrentes. Por outro lado, pretende-se também averiguar qual o grau de colaboração que se estabeleceu entre o Estado Novo português e o Movimento Nacional espanhol, no sentido de coordenar um discurso autoritário de matriz ibérica através dos meios audiovisuais contra a convivência política democrática, assim como compreender qual o alcance da influência da propaganda franco-salazarista sobre o conflito, quer em Portugal, quer em Espanha, e quais eram as formas e intenções das mesmas, assim como saber se, precisamente

por isso, houve interferências espanholas na política portuguesa e vice-versa.

Tendo em conta que este livro procura descobrir as regras de colaboração entre o franquismo e o salazarismo através da rádio e do cinema durante a Guerra Civil, torna-se necessária uma abordagem metodológica que preste especial atenção aos conteúdos relacionados com estes dois meios de comunicação nas suas diversas facetas, desde a estrutura da produção de programas radiofónicos ou filmagens sobre o conflito, até ao perfil e às acções propagandísticas dos actores políticos que participam na trama audiovisual do fascismo ibérico para derrotar o governo da Segunda República espanhola.

A perspectiva científica assenta, portanto, na análise dos diferentes elementos (a partir da imprescindível classificação e do estudo das fontes) que intervêm no processo de criação da propaganda audiovisual a favor da causa franquista, durante o confronto bélico, com o auxílio do Estado Novo português. Para se proceder à necessária contextualização do fenómeno, decidiu-se incluir no primeiro capítulo, apoiado também em fontes originais, o panorama histórico da época, prestando particular atenção às relações ibéricas a partir de uma perspectiva essencialmente mediática e propagandística.

O desenvolvimento desta investigação serviu-se de diversas fontes originais procedentes de arquivos espanhóis e portugueses, que abriram uma visão suficientemente ampla para se poder estruturar uma argumentação fundamentada e convincente, tendo sempre presentes aqueles que, cremos, constituem os três eixos principais sobre os quais deve assentar uma investigação com estas características: rigor metodológico, sentido ético na abordagem científica e qualidade na construção do discurso.

As fontes sobre as quais se alicerça o resultado desta investigação são fundamentalmente de carácter documental, recolhidas em arquivos de extraordinária relevância para o conhecimento cabal do objecto de estudo em causa. Entre elas, estão o arquivo pessoal de António de Oliveira Salazar e os arquivos dos ministérios dos Negócios Estrangeiros de Espanha e de Portugal. Além disso, recorreu-se também a diverso material de arquivo em hemerotecas e, naturalmente,

a fontes audiovisuais. A investigação progrediu igualmente através da leitura e filtragem de trabalhos anteriores, realizados por autores que se dedicaram à historiografia do mesmo período, ainda que a partir de perspectivas científicas divergentes.

Página anterior: Francisco Franco e o seu grande aliado, António de Oliveira Salazar.

I.I
As relações ibéricas no limiar
da Guerra Civil Espanhola

AS RELAÇÕES PENINSULARES foram sempre difíceis e complexas. Durante longos períodos do século XX, Portugal e Espanha viveram uma espécie de guerra fria alimentada por um desinteresse e ignorância recíprocos, que selou a fronteira com blocos de gelo. Tanto César Oliveira¹ como Hipólito de la Torre Gómez² estudaram em profundidade estes anos e conseguiram esclarecer muitas incógnitas sobre a história das complicadas relações ibéricas, criando um *corpus* bibliográfico interessante que serve como base para penetrar no estudo de questões mais específicas, como é o caso desta investigação. Ambos os historiadores concordam com a ideia de que, na primeira terça parte do século, o iberismo adquire uma nova dimensão, com um significado mais pejorativo para o nacionalismo português, em parte influenciado pelos temores, muitas vezes infundados, do denominado «perigo espanhol», identificado com o imperialismo espanhol. A «fractura peninsular»³ foi-se abrindo cada vez mais, até atingir as proporções antagónicas e irreconciliáveis, impostas, por um lado, pela ditadura portuguesa e, por outro, pela democracia espanhola. No período compreendido entre a proclamação da Segunda República em Espanha, a 14 de Abril de 1931, até ao rebentamento da Guerra Civil, a 18 de Julho de 1936, o distanciamento entre as duas nações peninsulares deve-se mais a um problema de regimes opostos do que a uma questão de carácter popular. Esta etapa está balizada por dois momentos perfeitamente diferenciados nas relações luso-espanholas. O que vai de Abril de 1931 até Novembro de 1933, com rumos políticos totalmente divergentes e polarizados em ambos os países, e a partir de então até Fevereiro de

1936, quando se instala um governo conservador em Espanha, que estabelece pontes entre as duas nações com incipientes projectos em comum⁴. Após a vitória da Frente Popular nas eleições de Fevereiro de 1936, as relações peninsulares sofreram um progressivo desgaste e deterioração devido, em grande medida, à incompatibilidade de dois sistemas políticos que pouco ou nada simpatizavam entre si. Em Espanha, instaurou-se um governo progressista emergente da vitória eleitoral dos partidos de esquerda, coligados dentro de um regime democrático e republicano. Portugal, em contrapartida, encontrava-se no processo de consolidação de um regime autoritário, antidemocrático e antiliberal, alicerçado sobre as bases de um golpe militar e profundamente nacionalista.

Quando a soberania popular decide pôr fim à monarquia de Afonso XIII, em Espanha, após a ditadura de Primo de Rivera, o governo português ainda estava no rescaldo da revolta empreendida pelas guarnições militares e civis republicanas nos arquipélagos atlânticos da Madeira e dos Açores, que viriam a acender, por contágio, um novo foco revolucionário em Bolama, na colónia da Guiné-Bissau, a 17 de Abril. As intenções dos revolucionários, que à partida não tinham muitas hipóteses de êxito contra a totalidade do exército e a Armada portuguesa da metrópole, consistiam em reivindicar o regresso à normalidade constitucional no país, que então tinha o general Domingos de Oliveira como presidente do Conselho. Tratou-se de uma séria advertência para a ditadura lusa, consciente do perigo que representava a instauração da Segunda República em Espanha, não só pelas influências que podia ter sobre o ameaçado movimento republicano português, mas também pela conspiração dos próprios exilados em território espanhol e em França, conhecido como era para o governo militarista luso que o último presidente da República portuguesa, Afonso Costa, e os membros da chamada «Liga de Paris» estavam em contacto com membros do governo espanhol⁵. A mudança de regime político em Espanha não passou despercebida à imprensa portuguesa, que a criticou. Praticamente todos os jornais portugueses desencadearam uma guerra larvar de parangonas contra a Segunda República. César Oliveira faz uma análise bastante exaustiva da atitude dos jornais nacionais portugueses durante esse

ACÇÃO

Semanário português para portugueses

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE DA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO EDITORIAL «ACÇÃO» — REDACTOR-PRINCIPAL E EDITOR: AUGUSTO FERREIRA GOMES — BRANCO E ADMINISTRADOR: BOLA DAZ FABRICA DAS BOMAS, R. A. S. — TELEFONO: 2 8174 — COMPOZIÇÃO: «SIFONAL INFANTO», — 111, RUA DO BAILEY, 111 — IMPRESSÃO: RUA DO MUNDO, 88

514 ESCUDO

Lisboa, 15 de Agosto de 1936

ANO 1 N.º 12

FRENTE A FRENTE!

Bandidos a soldo do Moscovo insultaram a bandeira portuguesa, entrando armados em território nosso e fuzilando, perto de Campo Maior, um oficial espanhol.
Extremam-se os campos.
De um lado estão todos os sem-pátria. Do outro todos aqueles que, em Portugal, querem a dignidade da terra em que nasceram
Não há confusões possíveis.

Contra o comunismo! Contra o internacionalismo! Contra o iberismo!

VIVA A PORTUGAL!

POR UMA FRENTE NACIONAL

A crise de Espanha esboçou-se para o péssimo.

O coronelato espanhol de hoje não é o que foi e nunca compreende do nome histórico no delicto delictivo, nem prescripção e não dá aos revolucionários, como castigado, porque três vezes que se levantou a bandeira.

Hoje se abominação que redobrou a força a possibilidade de uma revolução política, não se dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

lido de dissidência e a glória de abdicar de um dilema de ordem social superior aos das divergências que deturpam a fé, a honra e a dignidade de um povo.

Hoje se abominação que redobrou a força a possibilidade de uma revolução política, não se dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

Claro que se deve ponderar o risco de uma guerra que tende a prolongar-se além do prazo fixado.

Hoje se abominação que redobrou a força a possibilidade de uma revolução política, não se dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

Não se esqueça que a tropa, a verdade seja dita, não é de hoje que se encontra no estado de abandono em que se encontra.

Hoje se abominação que redobrou a força a possibilidade de uma revolução política, não se dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

Indo nacionalistas, empolados e com o espírito de uma revolução que se não dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

Hoje se abominação que redobrou a força a possibilidade de uma revolução política, não se dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

Uma guerra que se não dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

Hoje se abominação que redobrou a força a possibilidade de uma revolução política, não se dá a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

A situação não é por assim dizer, nem a possibilidade de ser assumida sem alicerces plenamente consentidos.

O Estado Novo associava directamente o comunismo, o internacionalismo e o iberismo à Frente Popular espanhola, que em Fevereiro de 1936 vencera as eleições democraticamente. O jornal *Acção* era apoiado pelo Ministério do Comércio e Indústria. (Semanário português *Acção*, 15 de Agosto de 1936, p. 1)

período, deparando-se com uma surpreendente coincidência entre o discurso político de Oliveira Salazar e os comentários jornalísticos dos meios de comunicação sobre este tema⁶. *A Voz*, o *Diário da Manhã* e *O Século* foram os principais *artífices* da propaganda salazarista nesta questão. Uma vez mais, o *República* pregava no deserto, coerente com a sua forma de interpretar o que se passava em Espanha, estampando na primeira página de 14 de Abril de 1931 um «Viva a República Espanhola», e procurando fazer propaganda do sistema democrático espanhol até ao limite consentido pela Censura. César Oliveira descreve os três temas centrais da propaganda que alimentavam as razões do Estado Novo, para justificar a sua aversão pela Segunda República e avivar o anti-espanholismo na opinião pública portuguesa. O primeiro *leit-motiv* que accionava a engrenagem da demagogia da ditadura contra o regime espanhol era o risco da «União Ibérica» que, segundo os relatos da imprensa portuguesa, era uma consequência *lógica* da vontade anexionista de um governo espanhol aliado dos «traidores» emigrados políticos portugueses. Por outro lado, o sistema espanhol era rotulado como anárquico e inseguro, e, em terceiro lugar, segundo Oliveira, refira-se a existência de uma suposta trama maçónica internacional onde estava integrado o governo espanhol.

A agressividade da propaganda de Portugal contra Espanha era um tanto injustificada, mas a verdade é que a Segunda República também não nutria qualquer simpatia pelo rumo que a situação política do país vizinho estava a seguir. Por isso, a imprensa espanhola não foi precisamente um actor mudo e neutral na grave tensão que separava os dois Estados, embora a censura fosse muito mais restritiva do lado português, e em Espanha existiam, de facto, jornais como o *ABC*, *La Nación* ou *El Debate*, que apoiavam abertamente Salazar. Além disso, o governo espanhol presidido por Azaña ofereceu uma oportunidade de ouro a Portugal para outorgar a veracidade dos argumentos da sua propaganda. Manuel Azaña e Indalecio Prieto, em negociações com exilados portugueses, como Jaime Cortesão, Bernardino Machado ou Moura Pinto, a quem estava disposto a financiar uma operação para o derrube da ditadura no seu país, foram alvo de duros ataques mediáticos quando finalmente se descobriu a trama contra o governo português⁷. O triunfo da



DR. D. JOSÉ CALVO SOTELO E DR. D. JOSÉ ANTÓNIO PRIMO DE RIVERA, OS DOIS GLORIOSOS CHEFES DA REVOLUÇÃO NACIONALISTA DE ESPANHA QUE FORAM VILMENTE MARTIRIZADOS E ASSASSINADOS PELAS HORDAS MARXISTAS

Homenagem da revista nacionalista *Alma Nacional* a José Calvo Sotelo e Primo de Rivera, «vilmente martirizados e assassinados pelas hordas marxistas». (*Alma Nacional*, Fevereiro de 1937, p. 25)

Página anterior: Salazar discursando ao microfone da rádio Emissora Nacional.

2.1 Portugal, a Espanha republicana e a guerra através das ondas

A RÁDIO PORTUGUESA desempenhou um papel extraordinariamente importante no decurso do confronto bélico¹. A sua intervenção propagandística a favor dos rebeldes, como veremos, alcançou um curioso e reconhecido protagonismo que, no final do conflito, seria recompensado com inúmeros actos de homenagem organizados pelos vencedores. A estatal Emissora Nacional e o então arqui-famoso Rádio Club Português, fundado e dirigido pelo dinâmico e controverso capitão Jorge Botelho Moniz, foram autênticas *trincheiras* de combate na luta propagandística com as emissoras leais de Madrid e Barcelona. Com emissões em espanhol e um contacto permanente com as autoridades rebeldes, colocaram-se ao serviço da causa golpista, porque esta representava «os princípios e as doutrinas que tornaram grandes as nações da Península», segundo o próprio Botelho Moniz². Os efeitos da sua propaganda foram instantâneos. Na realidade, já em 8 de Agosto de 1936, o cônsul português em Huelva, Henrique de Melo Barreto, comunicava ao seu governo que o ambiente amistoso em relação a Portugal era tal, devido às emissões do RCP, que se tinha organizado uma manifestação de agradecimento em frente do Consulado³. Pouco tempo antes de rebentar o golpe, o próprio general Franco⁴ e o presidente da Junta de Defesa Nacional de Burgos, Miguel Cabanellas⁵, transmitiriam oficialmente ao governo luso o seu agradecimento pela actividade radiofónica desenvolvida pela emissora de Botelho Moniz. Entretanto, o embaixador da Segunda República em Lisboa, Cláudio Sánchez-Albornoz, queixava-se da manifesta parcialidade da rádio portuguesa⁶.

A sociedade portuguesa, que seguia ao minuto os acontecimentos em Espanha, estava dependente dos receptores, esperando o

desenlace imediato de um conflito que duraria, no entanto, quase três anos. Assim que este começou, era frequente encontrar nos jornais lusos destacados anúncios publicitários de diferentes marcas de transístores que pretendiam chamar a atenção dos possíveis clientes, utilizando como chamariz o grande interesse suscitado pelos combates no país vizinho. A Philips incluía nos seus anúncios um texto que dizia: «O momento em Espanha. Oiçam as notícias que todos os postos emissores fornecem com o “Philips 534”. Só com ele saberão imediatamente da marcha dos acontecimentos.»⁷ Os comerciantes, como o lisboeta Radiofila, Ld.^a, juntaram-se também a este tipo de campanha publicitária, aproveitando a oportunidade de negócio oferecida pela guerra⁸. Assim, entre 1936 e 1939, Portugal registou um aumento de quase 69 por cento do número de radiouvintes, passando de 53 656 para 89 300, segundo os relatórios do Ministério das Obras Públicas e Comunicações português⁹. Os portugueses concentraram toda a sua atenção informativa em Espanha. «Calaram-se os concertos, as valsas de Strauss e os fados, ou, talvez com maior verdade os ouvintes não os procuram. (...) A rádio, como era de esperar, presta os seus serviços como arma de guerra e como tal as suas comunicações têm as duas cores das bandeiras em luta; destrinçar dentre elas a verdadeira posição dos adversários eis a questão», escrevia um colunista do *Diário da Manhã*, a 25 de Julho de 1936¹⁰.

A guerra tinha-se estendido, sem dúvida, ao campo das ondas¹¹. Os microfones eram outra *frente* onde se combatia a desorientação e a desmoralização de uns, e se fomentava a confusão e o desânimo de outros. O povo português encontrava-se mergulhado nesta «guerra de ondas», segundo a acertada expressão utilizada por *O Primeiro de Janeiro* quatro dias depois do golpe rebelde¹², e repetida depois noutros meios¹³. Alguns ideólogos do Estado Novo, como o correspondente de *O Século*, Leopoldo Nunes, baptizá-la-iam como a «guerra do éter», destacando a «importância decisiva» da rádio portuguesa na «Revolução Nacionalista» espanhola¹⁴. De facto, o RCP seria um baluarte indestrutível a partir da sua sede na Parede, frente às emisoras de Madrid e Barcelona, que o jornalista luso Oldemiro César via como verdadeiros «balões de oxigénio»¹⁵ para os leais. Esta opinião era partilhada por outro correspondente, Costa Júnior, que enviou

O momento de Espanha

Oiçam as notícias que todos os postos emissores fornecem com o

PHILIPS «534»

Só com êle saberão imediatamente da marcha dos acontecimentos.




PHILIPS RADIO

Anúncio da Philips publicado na imprensa portuguesa no Verão de 1936.

uma crónica de Espanha a narrar o entusiasmo com que os leais combatiam, graças à influência da propaganda radiofónica «vermelha»:

Esta ilusão devem-na aos comunistas a Unión Radio de Madrid. Em muitas das cidades e vilas ocupadas pelo Exército, os defensores, mesmo depois de presos, à beira do fuzilamento, confiam ainda na coluna madrilenha que os salvará.¹⁶

O *Comércio do Porto* confirmava, uma semana depois do golpe militar, através de um dos seus editoriais, o vibrante choque radiofónico entre, por um lado, Madrid e Barcelona e, por outro, Sevilha e Lisboa:

Ao mesmo tempo que governamentais e revoltosos se hostilizam, tão cruamente, nas cidades, nas vilas, nas aldeias, nos campos, nas montanhas, sobre a terra e sobre o mar, enfim, as estações emissoras, consoante pertencem a regiões desta ou daquela facção, travam um duelo que tanto apavora como desconcerta. E é mister possuir um dom quase divino de discernimento para apurar a verdade no meio dessa batalha encarniçada de ondas hertzianas... A cada passo, se afirmam

e se desmentem factos de importância extraordinária, como, por exemplo, o da pretensa morte do general Mola, um dos caudilhos da revolução (...).¹⁷

Leopoldo Nunes refere ainda que, assim como na guerra se fazem pausas para troca de prisioneiros, durante as emissões há intervalos para enviar mensagens humanitárias, tentando pôr em contacto famílias separadas pela luta¹⁸. Mas refere sempre os rebeldes como os defensores da «Civilização» e os leais como os representantes da «barbárie». Assim, a Unión Radio era «o apelo dos mortos». A voz do locutor desta emissora era descrita por Nunes como «um grito que mais parece uivo de chagal ou lamento de hiena faminta»¹⁹. Alguns intelectuais portugueses escreveram sobre a luta travada através deste meio de comunicação. O poeta Acácio de Paiva, que publicava regularmente no *Diário de Notícias* sonetos sobre diversos casos da actualidade informativa, dedicaria várias das suas composições líricas a parodiar esta guerra das ondas:

RÁDIO MADRID. Vitória em toda a linha!
Os revolucionários derrotados.
Franco sem munições e sem soldados.
Reduzimos a cinza os que tinha!

RÁDIO SEVILHA. Anteontem, à tardinha,
Fizemos os «vermelhos» em bocados.
Os dias do Governo estão contados;
Tropa não tem, de terra nem de marinha!

Estas são as notícias espanholas
Enviadas pelos Rádios em questão,
Mais castanholas, menos castanholas...

Agora as portuguesas mais exactas:
RÁDIO TRAVESSA DE SÃO SEBASTIÃO
VINTE E OITO. LISBOA. Ora... batatas.
[maiúsculas no original]²⁰



Propriedade da Empresa Editora
de OS RIDÍCULOS

Publica-se às quartas e sábados

Redacção — Administração — Composição

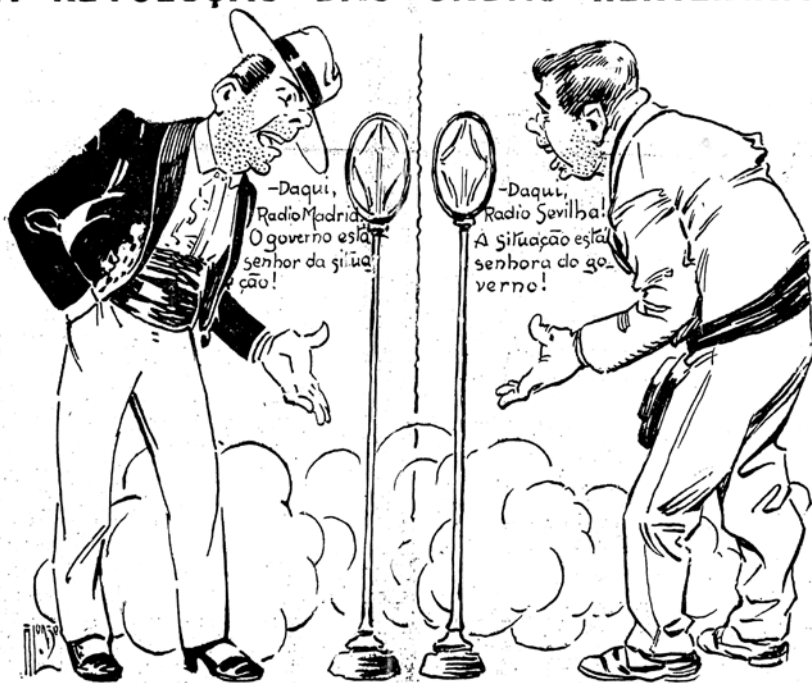
Rua da Barroca, 131 — Telefone: 22675

Impressão — Rua da Atalaia, 114

Preço \$30 — Ano 32.º — N.º 3177

Lisboa, 25 de Julho de 1936

A REVOLUÇÃO DAS ONDAS HERTZIANAS



Ora, agora, mentes tu,
ora, agora, minto eu...

ora, agora, mentes tu,
mentes tu mais eu...

Caricatura da guerra de informação e contra-informação que decorria na rádio a propósito da evolução da Guerra Civil de Espanha. (Bissemanário humorístico *Os Ridículos*, 25 de Julho de 1936)

Página anterior: Anúncio do filme português *A Revolução de Maio* (de António Lopes Ribeiro) na sua versão espanhola, «cedido pelo Exmo. Sr. Embaixador de Portugal em benefício das cidades recém-libertadas». (AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 80, proc. N.º 26/39)

3.1

A produção cinematográfica portuguesa face ao conflito espanhol

O PAPEL DESEMPENHADO pelas produtoras cinematográficas portuguesas durante a guerra fratricida espanhola não esteve ao nível de outros países que participaram no conflito, os quais editaram numerosas longas-metragens e documentários com difusão internacional. As produtoras francesas de noticiários cinematográficos, as empresas norte-americanas, britânicas, alemãs, russas e italianas possuíam, técnica e profissionalmente, uma indústria de películas muito mais desenvolvida do que a portuguesa, o que lhes permitia criar uma propaganda cinematográfica de qualidade¹. Não se pretende com isto afirmar que o cinema português tinha menos importância propagandística do que todas as indústrias nacionais referidas ou que os seus documentários carecessem de valor artístico; unicamente, devemos ter em conta as suas limitações relativamente a outros países, que dispunham de mais produtoras em Espanha e que, de facto, rodaram muitos mais títulos do que o cinema luso, que emerge justamente com a instauração do Estado Novo, nos anos 30². Segundo uma estatística elaborada pela Igreja Católica lusa, só 3,4 por cento dos filmes que se projectaram em Portugal durante 1935 eram de produção nacional. Nesse ano, nas vésperas do confronto bélico em Espanha, as companhias americanas, gaulesas e alemãs eram as que mais filmes vendiam às distribuidoras portuguesas³. Em todo o caso, tanto dentro de Portugal como no exterior, a cinematografia portuguesa teve peculiaridades muito próprias⁴, que talvez sejam exclusivas nalguns casos e que, sem margem para dúvidas, não nos impedem de falar de uma propaganda cinematográfica da ditadura portuguesa sobre a Guerra Civil Espanhola. Propaganda

esta que, seguramente, foi mais intencional e teve mais repercussões do que a de outros países.

Durante os primeiros meses do confronto, Lisboa contava com mais de uma vintena⁵ de salas de cinema, cujo número foi aumentando, até se chegar às 32 que havia em Abril de 1939⁶. No Porto, o número manteve-se à volta de uma dezena durante os três anos de guerra⁷. No resto do país, existiam alguns cinemas nas principais localidades, mas provavelmente a melhor sala no meio rural (que funcionava também como distribuidora) era o itinerante Cinema Popular Ambulante do Secretariado de Propaganda Nacional, que levou a todos os cantos do país documentários sobre a guerra espanhola e sobre a «obra patriótica» do governo português. O interesse do público português pelo cinema era extraordinário, tal como o demonstram a existência de duas revistas da especialidade, *Cinéfilo* e *Cine-Jornal*⁸, já consolidadas no panorama editorial português em 1936, e também a emissão de um programa de divulgação do cinema na Emissora Nacional, intitulado «Meia hora de cinema», realizado em colaboração, precisamente, com o *Cine-Jornal*⁹.

Quando começam a comercializar-se os primeiros documentários sobre os acontecimentos bélicos em Espanha, produzidos pela indústria norte-americana, o governo português decide proibir a sua projecção em Portugal, com receio de que não fossem «convenientes» para o público do seu país. Além disso, tendo em conta o poder de persuasão e influência social da cinematografia, o governo português temia que se verificassem perturbações em consequência do fervor que a guerra estava suscitar. Até meados de Outubro de 1936, e depois de muitas ponderações, a distribuição de noticiários sobre a guerra não foi autorizada. No entanto, o levantamento da proibição não só não provocou perturbações, como, muito pelo contrário, deu excelentes resultados propagandísticos sobre a população portuguesa, que louvava os triunfos franquistas nos ecrãs¹⁰. A revista *Cinéfilo* noticiou o momento em que se projectaram as primeiras imagens das frentes de combate em Lisboa, aplaudindo a iniciativa do governo português a favor do público:

Vão os nossos melhores cumprimentos, aos quais a gratidão não é estranha, para a Inspeccção dos Espectáculos que, com louvável critério,

autorizou a estreia no nosso País dos documentários da guerra civil de Espanha. Bem hajam pela iniciativa, que na própria noite de apresentação do primeiro jornal ouviu aplausos, significativos sob mais de um aspecto. Primeiro, porque tranquilizaram aqueles que temiam que a passagem de tais películas dividisse as opiniões, provocando incidentes mais ou menos lamentáveis. Depois, porque deu ensejo a verificar-se que a maioria da população está de alma e coração com os defensores da causa nacionalista. Provou-se isso na espontaneidade das ovações ouvidas nas nossas salas de cinema e tributadas às forças antimarxistas e verificando-se que nenhuma discordância importante contrariou as palmas da maioria. (...) Sob esse aspecto, os documentários que Portugal está agora vendo só podem ter resultados salutareos.¹¹

A partir de então, a censura exercida pelo Serviço da Inspeção-Geral dos Espectáculos permitiu a projecção de filmes relacionados com o conflito, mas sempre daqueles cujos argumentos e imagens apresentavam uma visão parcial dos factos favoráveis aos rebeldes. Por este motivo, as distribuidoras tiveram muitos problemas e algumas confrontaram-se directamente com o governo português devido à salomónica suspensão inicial da difusão de documentários sobre a guerra de Espanha e, a seguir, por causa das medidas extremas a tomar para se conseguir filtrar as projecções cinematográficas¹². A distribuidora de noticiários Jornal Fox, filial da companhia norte-americana em Portugal, publicou um aviso aos espectadores no *Diário de Lisboa*, onde se explicava os motivos por que não se podia assistir no seu país aos documentários de êxito mundial da Fox:

Jornal Fox. Explicação: A *Companhia Cinematográfica de Portugal* previne (*sic*) o público de que o Jornal Fox não apresentou ainda em Lisboa as suas sensacionais reportagens dos acontecimentos em Espanha que há mais de dois meses correm o mundo pela simples razão de que as respectivas entidades oficiais assim o determinaram. O Jornal Fox, o mais categorizado em todo o mundo, demonstrará, *logo que lhe seja permitido* [itálico no original], o valor excepcional das suas reportagens da guerra civil em Espanha, algumas das quais já podiam ter sido estreadas em Portugal há dois meses.¹³

No dia anterior à publicação deste aviso da Fox, 17 de Outubro de 1936, estreia oficialmente no Teatro São Luiz de Lisboa o primeiro documentário da guerra projectado em Portugal, tendo como tema a «libertação» do Alcázar de Toledo. Nele pode ver-se o ataque dos milicianos leais à fortaleza, sob fogo de artilharia, no meio do desmoronamento dos seus torreões e nuvens de pó e fumo. Viam-se também imagens da entrada dos legionários no Alcázar e do encontro entre o general Franco e o coronel Moscardó¹⁴. Segundo uma crítica do *Diário de Lisboa*, a fotografia era excelente, apesar das grandes dificuldades sofridas pelos técnicos para a realização da reportagem cinematográfica¹⁵. Mas, antes da apresentação das imagens sobre a façanha bélica dos homens do general Franco em Toledo, as virtudes do seu exército já eram conhecidas do público português, que teve a oportunidade de ver, em Setembro, graças à iniciativa do Sindicato Nacional dos Profissionais do Cinema em colaboração com a Mocidade Portuguesa, o documentário rebelde *La bandera*, sobre a vida do Tércio em Marrocos. Nele, segundo o *Diário de Notícias*, podia comprovar-se a «disciplina, a valentia, o espírito de abnegação dos heróicos legionários ao serviço de Espanha»¹⁶. *La bandera* foi projectado no Cinema Condes, em Lisboa, servindo de pretexto para uma sessão de propaganda anticomunista, na qual intervieram o jornalista português Armando Boaventura, o líder do partido Renovación Española, Antonio Goicoechea, e o Marquês de Quintanar¹⁷.

No segundo semestre de 1936, os cinemas portugueses passaram também, por iniciativa das direcções da Mocidade Portuguesa e da Legião Portuguesa, filmes alemães, cedidos pela agência nazi *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), sobre Hitler e os seus êxitos sociais e militares. No dia 15 de Novembro, o Cine São Luiz organizou uma sessão de propaganda cinematográfica nazi com a projecção dos documentários *Juventude Hitleriana* e *Olimpíada Branca*, que, para o órgão da União Nacional, eram «admiráveis documentos cheios de beleza artística e educativa»¹⁸. À sessão acorreram o director da agência germânica DNB, diplomatas das embaixadas italiana e alemã, o comandante da Mocidade Portuguesa, Nobre Guedes, o chefe do Fascio em Lisboa, Conde di Carrobio, bem como seguidores do movimento nazi e vários jovens portugueses¹⁹. A propaganda cinema-

JORNAL FOX

EXPLICAÇÃO

A Companhia Cinematografica de Portugal previne o publico de que o **JORNAL FOX** não apresentou ainda em Lisboa as suas sensacionais reportagens dos acontecimentos em Espanha (que ha mais de dois meses corram o mundo) pela simples razão de que as respectivas entidades officiais. **ASSIM O DETERMINARAM.**

O JORNAL FOX, o mais categorizado em todo o mundo, demonstrará, logo que lhe seja permitido, o valor excepcional das suas reportagens da guerra civil em Espanha, algumas das quais já podiam ter sido estreadas em Portugal ha dois meses.

«Explicação» anunciada pela Companhia Cinematográfica de Portugal sobre as reportagens do Jornal Fox, proibidas pela Censura. (*Dário de Lisboa*, 18 de Outubro de 1936, p. 4)

tográfica mostrava aos portugueses os progressos da Alemanha hitle-riana e da Itália fascista, enquanto se desenrolavam os acontecimentos bélicos em Espanha. Mas os documentários sobre Hitler e Mussolini nem sempre eram bem recebidos pelos portugueses, sobretudo depois de terminada a guerra espanhola, em Abril de 1939, quando ambos os ditadores já tinham exibido os seus trunfos imperialistas no tabuleiro europeu, sendo as imagens de ambos os líderes pateadas pelo público português durante as sessões em que apareciam no ecrã²⁰. Por sua vez, os membros da Legião Portuguesa em Viana do Castelo, como resposta a esta atitude dos espectadores, decidiram replicar, manifestando-se energicamente contra o líder francês da Frente Popular, León Blum, e «demais políticos afins», quando estes apareciam, circunstancialmente, em qualquer documentário²¹.

No entanto, o interesse geral demonstrado por parte da audiência portuguesa pelos documentários relacionados com os assuntos

Índice Onomástico

- ABC (jornal): 34, 89, 113, 114, 182
Abranches, Joaquim: 126
Abreu, António Manuel da Silva Pinto e (monsieur): 95
Abreu, Eng.º Cancela de (deputado União Nacional): 94
Abreu, Mendes de (tenente): 116
Academia Militar de Saragoça: 87
Acção Católica Portuguesa: 132, 169
Acordo de Não-Intervenção: 120
Açores, Arquipélago dos: 32, 72, 190
Afonso XIII (monarca): 32
Alcázar, El (jornal): 90, 91, Alcázar de Toledo: 90, 91, 156
Alderete, Luis: 77
Alemanha: 109, 129, 147, 148, 157
Alicante: 54, 167
Aljubarrota (batalha): 126
Alma Nacional (revista): 35, 98, 117, 119, 173
Almeida, Pedro de Castro e: 94
Almeida Garrett (colégio): 108
Avelos, M. Barros: 123
Alves, João de Morais: 132
Alves, Jorge Pereira: 183, 185
Alvim, António Vilas Boas e: 110
Amaral, M.^a Lourdes (poeta): 133
Amares: 109
América do Norte: 127, 197
Amis de Portugal (associação): 190
Amoedo, Mariano: 178
Andaluzia: 76, 87, 98, 136, 138, 139, 140, 141, 142
Andrade, Rebelo de: 165
Andrade Álvarez, Manuel de (cônsul de Espanha em Elvas): 108
Angra do Heroísmo: 72
Ansaldo, Capitão: 50
Anti-Comunista: 127, 128
Aranda (coronel): 93, 105
Aranha, Paulo de Brito: 188
Arias Paz, Manuel: 78, 80, 181
Armandinho (artista português): 142
Arquivo do Ministério do Interior: 50
Arquivo Geral da Administração de Madrid: 50
Arquivo Nacional das Imagens em Movimento (ANIM): 163, 164
Assembleia Nacional: 27
Associação de Estudantes Católicos: 132, 133
Auxílio Social da Falange em Portugal: 110
Ávila: 114, 171
Azaña, Manuel (presidente do Governo de Madrid): 34, 36, 37
Azevedo, Alexandre de (actor): 188
Azevedo, Armando de: 149
BADAJOZ: 38, 47, 51, 90, 104, 105, 108
Bandera, La (filme): 156
Barandalla, Marianela: 142
Barcarena: 130

- Barcelona (também Ciudad Cónchal): 54, 65-7, 72, 84, 87, 97, 147, 149, 158, 163
- Barqueiros: 161
- Barrancos: 102
- Barreto, Henrique de Melo (cônsul de Portugal em Huelva): 65
- Barros, Francisco de: 116
- Bastos, Mário de Peixoto: 126
- Beirão, Mário: 126
- Berlim: 147, 174, 175
- Bilbau: 93, 179, 181
- Blanco, Enrique: 178
- Bloqueio* (filme): 182, 183
- Blum, Leon (presidente da França): 157
- Boaventura, Armando (jornalista): 156
- Bobone, Octávio: 188
- Bowers, Claude G.: 71
- Braga: 109, 110, 169, 183, 184, 189
- Branco, Pedro de Freitas (director musical): 188
- Brasil: 127, 169, 170, 173, 190, 195, 196
- Buenos Aires: 182
- Bureau Catholique International de Radiodiffusion: 131
- Bureau de l'Entente International: 127-8
- CABANELLAS, MIGUEL (presidente da Junta de Defesa Nacional de Burgos): 46
- Cáceres: 104, 105, 109
- Cádiz: 76
- Caia: 109
- Calvo Sotelo, José (líder político da direita espanhola): 184
- Cambón, Tomázia Margarida: 122
- Cambres: 161
- Caminho de Madrid, A* (filme): 26, 170, 172-4, 204
- Campo Maior: 71
- Campo Pequeno (Praça): 70-1, 96, 165
- Campos, Luís de (actor): 188
- Canadá: 197
- Cardeira, José Luís: 185
- Carmona, Óscar (general): 112-3, 144, 161, 165, 166, 167, 168, 184, 189
- Carreró, Antonio: 99
- Carrillo, Leo: 183
- Carvalho, Ribeiro de (director de *República*): 37
- Casa de Espanha em Lisboa: 179
- Casa de Portugal em Paris: 197
- Casas do Povo: 161
- Castejón, Ramón: 112
- Castelo Branco: 71
- Castro, Augusto de: 189, 190
- Castro, José Guilherme de Melo e: 94
- Catalunha: 55, 132
- Central Trindade (sala de cinema): 183
- Cerco y bombardeamiento de la capital de España* (filme): 173
- Cervantes, Francisco: 76, 174
- César, Oldemiro (jornalista): 66
- Ceuta: 114
- Chaves: 110
- Chevalier, Ramayana de: 195
- Chile: 190
- Cidade Universitária (Madrid): 93, 158
- Cifesa (companhia cinematográfica): 25, 168, 174-9, 181, 204
- Cinéfilo* (revista): 154
- Cinema Condes (Lisboa): 156
- Cinema Popular Ambulante: 26, 41, 154, 159, 161-2, 204
- Clairac, Lammie de: 174
- Clara, Maria (atriz): 188, 197
- Claridad (jornal): 38
- CNT (sindicato anarquista espanhol): 74, 138
- Coimbra: 71, 164-6
- Colômbia: 190
- Comércio do Porto* (jornal): 37, 44, 55, 56, 67, 106-7, 109, 111
- Comissão Internacional Pro Deo: 128
- Comité de Londres: 51, 202
- Confederación de Derechas Autónomas (CEDA): 36
- Consulado de Montreal: 197
- Contreiras, Aníbal: 26, 169-70, 173-5, 204

- Corpo de Inválidos do Tércio: 89
 Correia, Félix (jornalista): 139
Correio do Minho (jornal): 110
 Cortesão, Jaime (líder político republicano): 34, 149
 Cortesão, Judite: 149
 Costa, Afonso (líder político republicano): 32
 Costa, Neves da (engenheiro): 94, 123
 Couto, Américo: 168
 Covelo, José: 105
 Crokaert, P.: 190
 Cruz, Alberto: 110
 Cruz, António Pais da (professor): 162
 CTiGL (RCP): 74, 78, 84, 90-1, 94, 96, 102, 104
 Cuartel de la Montaña: 89
 Cubiles, José: 142
 Cumberes Mayor: 102
 Cunha, Guilherme de Street Arriaga e (conde de Carnide): 171
 Cunha, Rui da (oficial): 110, 112
 Cunha, Vasco da (cônsul geral em Espanha): 216
- DAILY MAIL* (jornal): 85
Debate, El (jornal): 34
 De las Torres (barão): 186
 Delgado, Fernando: 176
 Denny, Reginald: 183
 Departamento Nacional de Cinematografia: 179, 180
 Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda: 176
Desfile da Vitória, O (filme): 158
 Detry, George: 190
 Deutsches Nachrichtenbüro (DNB): 156
De Vigo a Mérida (filme): 186
Diário da Manhã (jornal): 25, 34, 37, 41, 54, 56-7, 59, 66, 98, 112, 121, 126, 141, 143, 160, 184, 201
Diário da Tarde (jornal de Manaus, Brasil): 196
- Diário de Lisboa* (jornal): 37, 44, 55, 85, 96, 101, 136, 139, 155, 156
Diário de Notícias (jornal): 37, 44, 54, 59, 68, 74, 114, 141, 156, 170-2
 Domingo de Fuenmayor: 72
 Duarte, Manuel de Azevedo: 70
 Duarte, Santos: 123
- ÉCLAIR-JOURNAL: 159, 163
 Elvas: 108
 Emissora Nacional (EN): 26, 39, 40, 43-4, 58, 64-5, 70, 74, 80, 83, 94, 97, 118, 120-3, 125-31, 147, 154, 203
 Empresa de Melhoramentos Citadinos: 108
 Empresa Nacional de Publicidade: 44
 Ente Italiano per la Audizione Radiofoniche (EIAR): 102
Entierro del General Sanjurjo, El (filme): 176
 Escalona (aeroporto): 171, 172
España Heroica (filme): 175
 Estoril: 76, 77, 184, 221, 223, 245
 Europa: 58, 75, 107, 118, 123, 127, 129
 Exposição Internacional de Paris: 190
- FALANGE ESPANHOLA: 83, 96, 110, 142, 163, 167, 174, 176, 180-1
 Famalicão: 109, 237
 Faro de Vigo (jornal): 56, 116, 195
 Favaio: 161
 Federação dos Anarquistas Portugueses Exilados (FAPE): 146
 Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT): 49
 Fernández de Córdoba, Fernando: 142
 Fernández Flórez, Wenceslao (escritor): 36, 272
 Ferreira, Francisco Ribeiro: 171
 Ferro, António (director do SPN): 15, 36, 39, 41-2, 130, 159, 187, 190
 Ferrol: 114
 Fierro, Alfonso: 77
 Filmoteca Espanhola: 170
 Films Patria: 183

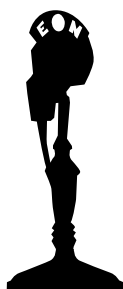
- Folgosa do Douro: 161
 Fonda, Henry: 183
 Fonseca, José da: 116
 Fox Movietone News: 159
 Fraile, Alfredo: 168
 França: 32, 54, 118, 190
 Franco, Graça: 42
 Franco, José Soares: 123
 Franco, Nicolás (irmão do general Franco): 26, 80, 96, 97, 167, 183
 Franco Baamonde, Francisco (general): 16-7, 23-7, 30, 68, 77, 80, 91, 95, 97, 100, 112-3, 116, 118, 127-8, 141-4, 156, 182, 184, 186, 190-1, 202, 204
 Frechas: 161
 Frente Anti-Comunista: 70
 Frente Popular: 23, 32-3, 36, 45, 55-6, 146-7, 157, 174, 187
 Frente Popular Portuguesa: 146-7
 Fuentes de Béjar: 102
 Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT): 25
- GALIZA: 76, 114
 Gallarza, Ángel (chefe dos Serviços de Inteligência de Madrid): 50
 Galvão, Francisco Medeiros: 123
 Galvão, Henrique (director da EN): 44, 121, 122, 125, 128, 129, 130
 Gamboa, Josñe (actor): 188
 Gantho, Alex Cadet: 82
 Garroll, Madeleine: 183
 Genebra: 127-9
 Generalitat (governo da Catalunha): 87
Genio Alegre, El (filme): 174
 Gibson, Ian (historiador): 136
 Gil Robles, José María (presidente da CEDA): 36, 78, 87
 Goded Llopis, Manuel (general): 89
 Goicoechea, António (líder partido Renovación Española): 156
 Gómez Sosa, Manuel (vice-cônsul de Espanha em Faro): 145
 González, José: 114
 Gorry y O'Neill, Nicolás de: 82
- Governador Civil de Lisboa: 133
 Governo de Madrid: 47, 73, 121, 129
 Grémio da Imprensa Diária: 43
 Guarda Civil: 104
 Guedes, Nobre (comandante da Mocidade Portuguesa): 58, 156
Guerra Civil de Espanha, A (curta-metragem): 163
 Guerra Civil Espanhola: 17, 24-5, 31, 41, 43-5, 48, 51, 60, 74, 78, 84, 100, 121, 126, 132, 140, 153, 158, 162, 168, 170, 173, 188
 Guimarães: 109
 Guincho, Praia do (Cascais): 81
 Guiné-Bissau: 32
 Guión (diário): 113
- HALLIDAY, JOHN: 183
 Hedilla, Manuel (chefe da Falange Espanhola): 174
 Hitler, Adolf: 156-7, 175
 Hollywood: 175, 182
Homenaje a Portugal (filme): 183-6
 Hotel Metrópole: 81
 Hotel Ritz: 87
 Hotel Vitória: 81
Humanitat, L' (jornal francês): 50
- IDEAL RÁDIO: 133
 Igreja Católica: 44, 153
Imagens da Guerra de Espanha (filme): 163
Informaciones (jornal): 78
 Inglaterra: 60, 118
 Inspecção-Geral dos Espectáculos: 154-5, 183
 Internacional Comunista: 23, 45
 Internacional Socialista: 146
- JOGOS FLORAIS: 126
 Jorge, Álvaro (locutor): 105
 Jorge G. Sturupp: 77
Jornal de Notícias (jornal): 37, 44, 106
Jornal do Comércio (jornal de Manaus, Brasil): 79, 86, 115, 192, 196
 Jornal Fox: 155, 157

- Jornal Português* (jornal cinematográfico): 41, 167
 Júnior, Costa (jornalista): 66
 Junta de Defesa Nacional de Burgos: 65, 78, 172
 Juventud de Galicia (associação): 96
Juventude Hitleriana (filme): 156
- KAMENESKI, ELIESER (actor): 188
 Karl, Mauricio: 77
 Kjöelner, Guilherme: 142
 Kourakine, A.: 128
- LARGO CABALLERO, DIEGO (presidente da Segunda República de Espanha): 13, 136
 Leal, Fernando Cunha: 130, 131
 Legião Portuguesa: 25, 59, 82, 96, 102, 127, 130, 145-7, 167-9, 189, 202
 Leiria: 109, 145
 Leitão, António da Silva (professor): 162
 Lerroux, Alejandro (líder republicano espanhol, ex-presidente): 36
 Letónia: 190
 Liga de Defesa dos Animais: 130
 Liga de Paris: 32
 Lima, Matias (poeta): 133
 Limas das Eiras: 110
 Lisboa: 25, 37-8, 43-4, 46-8, 50, 54-5, 57, 59-60, 65, 67, 70-1, 75-6, 78, 80-3, 85, 87, 96, 101-2, 105-6, 114, 122, 126, 128, 130, 132-3, 136, 139, 143, 146, 154-7, 162, 164, 167-70, 172, 174-83, 186-7, 189, 191, 204
 Lisboa Film (companhia cinematográfica): 25, 168, 172, 174-81, 183, 186, 204
 Lodyginsky, George: 127, 128, 129
 Loff, Carolina: 149
 Lopes, Teixeira (escultor): 60
 Loureiro de Cima: 162
 Lufthansa: 178
- MACHADO, BERNARDINO (presidente da República de Portugal): 34
 Machado, Ramiro: 72
 Maciel, Artur (SPN): 40, 99
 Madeira, Arquipélago da: 32
 Madrid: 26, 37-8, 45-8, 50-1, 54-6, 58-9, 65-8, 73-6, 78, 80-1, 83-4, 87-9, 93, 96, 98, 104-5, 110, 112-3, 116, 121-2, 129, 133, 136, 139, 141, 145, 147-9, 158, 163, 170-4, 184, 204
 Maeterlinck, Maurice (escritor): 36
 Maeztu, Ramiro de (escritor): 36, 134
 Maia, Samuel (jornalista): 92
 Málaga: 74, 88, 138
 Malheiro, Ricardo (actor): 188
 Manaus: 195, 196, 247
 Mangada, Julio (tenente-coronel): 88, 98, 171
 Manso, Joaquim (director do *Diário de Lisboa*): 44
 Marín Martín, Andrés (redactor chefe de *El Alcázar*): 90
 Maritain, Jacques (escritor): 36
 Maroto, Eduardo G. (realizador de cinema): 176, 178-9
 Marques, José: 142
 Martínez, António (actor): 78, 136, 181, 187-8
 Martínez Barrio, (presidente da Segunda República de Espanha): 136, 254
 Martínez Romarate, Rafael: 78, 214
 Mauriac, François (escritor): 36
 Melo, Costa de: 116
 Mendes, Aquilino: 169, 188
 Mesão Frio: 161
 Miaja Menant, José (chefe militar da Junta de Defesa de Madrid): 87, 98, 147, 250
 Ministério da Governação: 147
 Ministério da Guerra: 87, 233
 Ministério das Obras Públicas e Comunicações: 44, 66
 Ministério de Estado: 148
 Ministério do Interior: 41, 50, 72, 130-3
 Miraflores, marquês de: 78
 Mistral, Gabriela (escritora): 36

- Mocidade Portuguesa: 25, 57-9, 156, 162, 169, 189, 190, 202
- Mola, Emilo (general): 38, 40, 68, 88, 99, 148, 171
- Moniz, Jorge Botelho («Capitão Botelho») (director do RCP): 26, 65, 74-8, 80-1, 83-5, 88, 93, 96, 98-9, 101-3, 105, 108-9, 114, 117-9, 125, 132, 141, 165, 168, 203
- Monteiro, Armindo (diplomata): 36, 54, 60
- Montero, Juan Luis: 77
- Morais, Alexandre de (capitão): 126
- Moscardó, José (coronel): 90-2, 142, 168
- Moscardó, Maria: 90
- Moscovo: 55-6, 84, 134, 202
- Museu do Prado: 88
- Museu Real: 190
- Mussolini, Benito: 102, 157
- NACIÓN, LA* (jornal argentino): 34
- Nada de Novo em Alcázar* (filme): 163
- Negrão, Abel: 142
- Nelken, Margarita: 91
- Neves, Nunes das: 175
- Neves, Pedro Botelho: 94
- Niassa (navio): 51
- Novidades* (jornal): 37, 44, 132
- Nunes, Leopoldo (jornalista): 66, 68, 86, 147
- Nunes, Ramiro (empresário): 50
- OLIMPIADA BRANCA* (filme): 156
- Oliveira, Cândido de: 168
- Oliveira, César (historiador): 32, 34
- Oliveira, Domingos de: 32
- Oliveira, Emília de (atriz): 188
- Oviedo: 93, 277
- PACHECO, DUARTE: 44
- País Basco: 55
- Pais de Sousa, Mário (ministro do Interior): 43, 60
- Paiva, Acácio de (poeta): 68, 126, 211
- Paixão & Paiva (loja): 82
- Paramount News: 159, 234
- Parede: 66, 75-6, 78, 81, 83, 90-4, 100, 104, 108, 113-4, 116-7, 138
- Partido Radical: 36
- Pemán, José María (intelectual falangista): 75, 78, 90, 94
- Pena (paróquia lisboeta): 146
- Penedones, Manuel: 105
- Pereira, Pedro Teotónio (agente especial de Salazar): 47, 142, 144, 186, 191
- Pérez Blasco, Miguel: 104
- Pimenta, Adriano: 94, 123
- Pinto, Clemente (actor): 188, 197
- Pinto, Moura: 34
- Pinto, Venceslau, (músico): 188
- Poiares: 161
- Polícia de Vigilância do Estado (PVDE): 50
- Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE): 50, 81, 145-6
- Politeama (cinema): 170, 196
- Portela, Artur (jornalista): 93, 96, 136, 139
- Porto: 56, 59-60, 67, 75, 105-9, 114, 133, 154, 164-5
- Potestad, Maria Eugenia: 82
- Preto, Rolão (chefe do Movimento Nacional-Sindicalista português): 139, 140
- Prieto, Indalecio (ministro da Defesa de Madrid): 34, 88
- Primeiro de Janeiro, O* (jornal): 37, 44, 66, 106, 107
- Primo de Rivera, Miguel (general e ditador espanhol): 32, 35
- Puigdollers, José: 174
- Pujol, Juan (director do jornal *Informaciones*): 78
- Pyrrait, Amaral: 123
- QUEIPO DE LLANO, GONZALO (general): 88, 96, 98, 109, 136-41, 176, 204
- Queirós, António de Eça de: 189
- Quintanar, Marquês, falangista: 36, 78, 95

- RADIO ARAGÓN: 87, 114
 Radio Barcelona: 84, 147, 149
 Rádio Club Português (RCP): 26, 46,
 65-6, 70-94, 96, 99-100, 102, 104,
 106, 108-10, 112-18, 120-2, 132-3, 138,
 147, 163, 183, 185, 202-3
 Radio Coruña: 114, 226
 Rádio Fantasma: 146-7
 Radiofila Lda.: 66
 Rádio Hertz: 230
 Rádio Invicta: 133
 Radio Madrid: 113, 147-9, 231
 Rádio Madrid: 68
Rádio Nacional (revista espanhola): 74,
 82, 100, 102, 116, 136, 142-4
Rádio Nacional (revista portuguesa): 72,
 97, 126
 Radio Nacional de España: 136, 142,
 264
 Radio Nacional Santa Marta: 82
 Radio Rabat: 87
 Rádio Renascença: 70, 131-2, 230
 Radio Salamanca: 80
 Rádio Sevilha: 68
 Radio Valencia: 147
 Rebelião (órgão da FAPE): 146, 254
 Rebelo, Forte (comandante): 130
 Rebelo, José Pequito: 95, 116, 231
Reconstruyendo España (filme): 180-1
 Reis, M. Pestana (director do *Diário da Manhã*): 121-2
 Representação da Junta em Lisboa: 80,
 122, 180
República (jornal): 34, 37, 44, 49, 170-1
Revolução de Maio, A (filme): 25, 41, 152,
 162, 186, 188-90, 192, 195-7, 204
 Revolução Nacionalista: 66
Revue Belge (revista): 190
 Riba Tâmega, visconde de (embaixador de Portugal em Madrid): 37, 83
 Ribeiro, António Lopes: 152, 187-8,
 191-2, 195, 197
 Ribeiro, Francisco (actor): 171, 188
 Ribeiro, Portela (director técnico RCP): 82, 104
 Rodrigues, Jorge: 171
 Romanones, Conde de (falangista): 37
 Rosas, Fernando: 51
 Roy, Henry (reverendo): 197
 Rundfunk Reichs Gesellschaft (RRG):
 102
 SÁINZ RODRÍGUEZ, CHARITO
 (locutora): 77
 Salamanca: 80, 82, 104-5, 109, 111, 142,
 170-1, 173, 179, 181
 Salazar, António de Oliveira: 15-8, 23,
 24-7, 30, 34, 36-43, 45-6, 48, 51-2, 55-6,
 58-61, 64, 70, 72, 77, 83, 112-3, 116, 118,
 120-1, 125, 127, 129, 134, 142-5, 147, 158,
 161, 164-8, 183-5, 187-90, 192, 195-6,
 201, 204
 Sande: 161
 Sanfins: 161
 Sanjurjo, José (general, o «Leão do Riff»): 49, 76, 175, 184-5
 San Sebastián: 71, 95, 191
 Santa Sé: 81
 Santiago (apóstolo): 96
 São Luiz (sala de cinema): 156, 158,
 168, 183
 Saraiva, João: 126
 Saraiva, José (reitor do Liceu Passos Manuel): 123
 Schwartz, Fernando: 48
 Secretariado de Propaganda Nacional (SPN): 15, 25-6, 36, 39, 40-1, 44, 74,
 129-30, 154, 158-65, 167-8, 186,
 188-91, 195, 197, 201-4
Século, O (jornal): 34, 37-8, 44, 49, 55, 66,
 71, 77, 114, 141, 188
Século Ilustrado, O (revista): 44, 258
 Serrano Suárez, Ramón (chefe da Junta Política da Falange Espanhola): 142
 Serviço da Inspeção-Geral dos Espectáculos: 155
 Sevilha: 67, 68, 89, 91, 113, 136, 139, 140,
 141, 174, 182
 Simões, Veiga (embaixador em Berlim):
 147

- Sindicato dos Caixeiros do Distrito de Lisboa: 159
 Sindicato dos Jornalistas: 43
 Sindicato Nacional dos Profissionais do Cinema: 156
 Soares, António (decorador): 188
 Sociedade das Nações (SDN): 48, 129
 Sociedade Nacional de Tipografia: 44
 Sociedade Universal de Superfilmes: 168, 170
Soir (jornal belga): 190
 Sousa, Mário Pais de: 43, 60
 Souza, Fernando de (director de *A Voz*): 44, 85, 117
 Strupp, Jorge G.: 77
 Suíça: 82
 Supico, José Luís (subsecretário das Corporações): 94
- TALAVERA DE LA REINA: 104, 106, 171
Tarde, A (jornal de Manaus, Brasil): 195, 196
 Tarodo Fortis, Santiago: 78, 81-82
 Teatro do Povo: 41, 159, 207
 Teatro São Luiz (Lisboa): 156, 158
 Teatro Tivoli (Lisboa): 189
 Tejo, Rio: 58, 130, 245
 Tella Cantos, Heliodoro (comandante): 105
 Terceiro Reich: 102
 Tércio: 87, 89, 156
 Têruel: 93, 253
 Toledo: 90-2, 104-5, 140, 156, 171
Tomada de Madrid, A (filme): 163
 Torre de Colomina, Marisabel de la («a Berta da Parede»): 71, 78, 81, 183
 Trigueiros, Luiz Forjaz: 123
- UNAMUNO, MIGUEL DE (filósofo e reitor da Universidade de Salamanca): 36
- União Ibérica: 34
 União Nacional: 25, 41, 43, 54, 59, 77, 94, 141, 156, 201
 Unidad (jornal falangista): 191
 Unión Radio: 67-8, 87, 98, 147-9
 Universium Film AG (UFA): 159
 Uruguai: 190
- VALE FRECHOSO: 161, 238
 Valência: 87, 147
Vanguardia (jornal): 38
 Varela, José Enrique (general): 90
 Vázquez, José Andrés: 89
 Vega de Anzo, marquês de: 78, 105
 Viana do Castelo: 146, 157
 Vidago: 160
 Vieira, Manuel Luiz: 188
 Vieira, Tomé (jornalista): 148
 Vigo: 56, 74, 116, 168, 186, 195
 Vila Real de Santo António: 145
 Vilarelhos: 161
 Vilar Formoso: 109
 Vilarinho da Castanheira: 161
 Vilarinho de Freixoso: 161
 Vila Verde: 109
 Viriatos (combatentes portugueses em Espanha): 102
 Viseu: 162
Visões da Guerra de Espanha (filme): 163
 Vitorino, Virgínia: 126
Voz, A (jornal): 37, 44, 55, 85, 95, 104, 116, 117, 141
- WARWICH, ROBERT: 183
- YAGÜE, JUAN (general): 90
- ZULUETA (representante de Franco em Bruxelas): 190



O QUE PARECE É

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL BESAYA DE 90 GRs., NUMA
TIRAGEM DE 1500 EXEMPLARES,
DURANTE O MÊS DE JUNHO
DE 2009.